



PUC Minas

CENÁRIOS PUC MINAS

# Conjuntura**Internacional**

ano 2 • nº 30 • 11 a 17/12/2005 • ISSN 1809-6182

## Análise

### **14/12/2005 - Eleições parlamentares na Tchetchênia e o conflito russo-tchetcheno .....p.01**

Realizam-se as primeiras eleições parlamentares na Tchetchênia desde 1999. A vitória do partido pró-Rússia, no entanto, não significa necessariamente um passo rumo ao fim das hostilidades envolvendo a república separatista e a Federação Russa.

## Resenha

### **15/12/2005 - Eleições no Chile .....p.08**

Eleições presidenciais no Chile vão para o segundo o turno, marcado para ocorrer em janeiro. A candidata da situação, apesar de obter mais de 20% de votos a mais que o segundo colocado, deverá enfrentar uma forte oposição da direita chilena.

---

# Eleições parlamentares na Tchetchênia e o conflito russo-tchetcheno

---

Análise  
Segurança

Bárbara Gomes Lamas  
14 de dezembro de 2005

---

**Realizam-se as primeiras eleições parlamentares na Tchetchênia desde 1999. A vitória do partido pró-Rússia, no entanto, não significa necessariamente um passo rumo ao fim das hostilidades envolvendo a república separatista e a Federação Russa.**

---

A Tchetchênia, república separatista russa, levou a cabo, no dia 27 de novembro de 2005, as primeiras eleições parlamentares desde o início da segunda guerra russo-tchetchena, em 1999. Conforme dados publicados no jornal Pravda, à frente, com 65% dos votos, ficou o partido Rússia Unida, seguido das listas do Partido Comunista (12%) e do partido União das Forças de Direita (11%). No total, 353 candidatos representando 8 partidos nacionais, ainda que nenhum deles defenda a independência da Tchetchênia, concorreram aos assentos das duas câmaras do novo parlamento. Segundo o presidente da Rússia, Vladimir Putin, o processo legal para restituir a ordem constitucional na república teria se completado com essas eleições, mas que, para erradicar totalmente as condições que contribuem para a desestabilização, é necessário garantir a implementação efetiva do governo russo e os planos das autoridades tchetchenas para assegurar a recuperação da vida social e econômica na Tchetchênia.

A Tchetchênia é uma república da Federação Russa<sup>1</sup> localizada no Cáucaso,

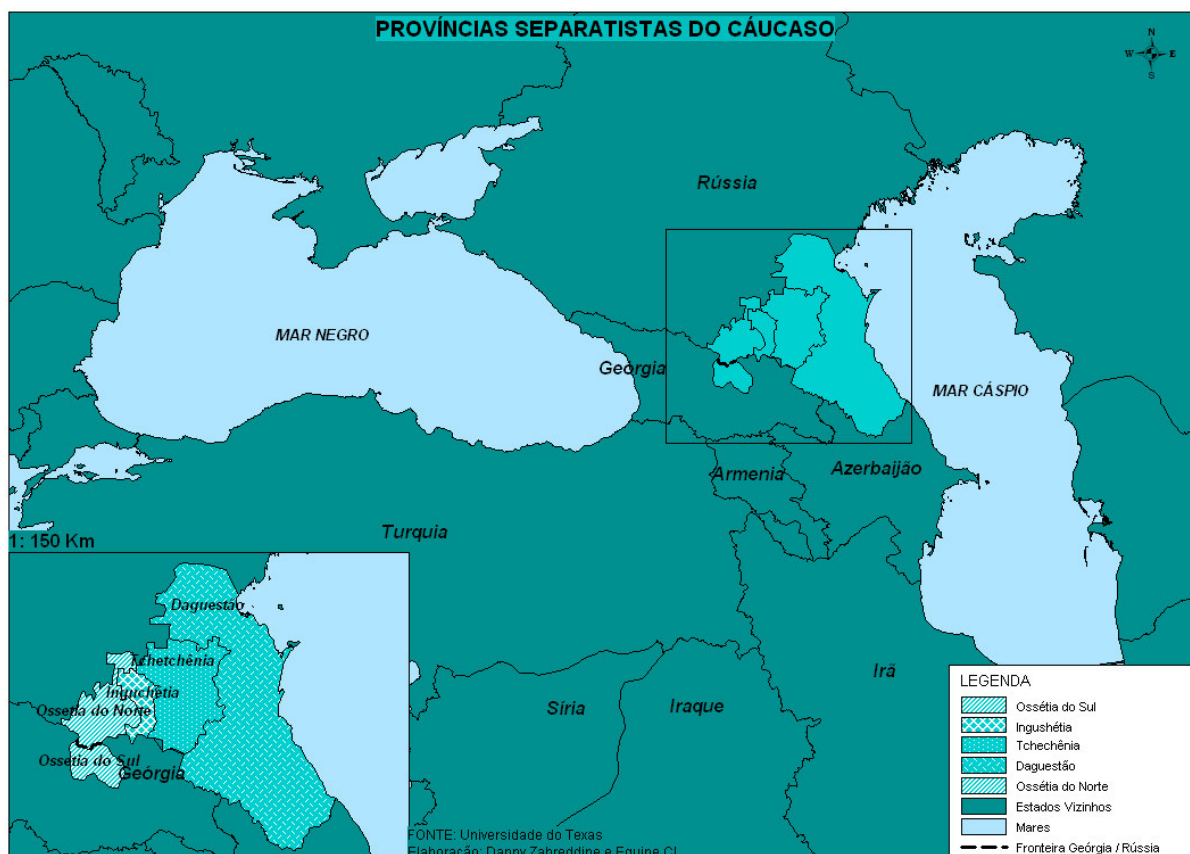
região situada entre o Mar Negro e o Mar Cáspio, que inclui, também, em sua porção norte (Ciscaucásia), 7 outras repúblicas e regiões autônomas, dentre elas a Ossétia do Norte, Inguchétia e Daguestão, e, na área ao sul (Transcaucásia), os Estados independentes da Geórgia, Armênia e Azerbaijão, que antes faziam parte da ex-União Soviética (URSS) e agora participam da Comunidade de Estados Independentes (CEI). Por séculos, a Rússia vem tentando manter o controle na região, já que é uma importante zona de passagem entre o sul da Rússia e o Oriente Médio, por um lado, e o Mar Negro e a Ásia Central, por outro lado. Isto significa que o Cáucaso está no centro das principais rotas de transporte, telecomunicações, comércio e energia da região, destacando-se o petróleo e o gás natural proveniente da Ásia Central.

---

repúblicas definidas etnicamente; 49 províncias (*oblasti*); 6 territórios (*Kraia*); 11 distritos e províncias autônomos definidos etnicamente (*okrug*), localizados dentro de *Kraia* ou *oblasti* de maioria russa; e 2 cidades (Moscou e São Petersburgo).

---

<sup>1</sup> A Federação Russa é composta por 89 unidades de diversos tamanhos e designações políticas: 21



As relações entre a Rússia e a Tchetchênia ganharam novo capítulo a partir do desmantelamento da União Soviética em 1991, quando o movimento separatista tchetcheno ganhou força devido a dois fatores interligados: 1) o fato de ser o maior grupo étnico do Cáucaso Norte, com mais de um milhão de tchetchenos; 2) o ressentimento histórico vívido na memória. Os tchetchenos não foram os únicos a receber tratamento duro e deportação sob o regime soviético, mas foram o maior grupo étnico, em um território compacto, a ser deportado e, depois, permitido a voltar. Isso, somado ao fato de serem, majoritariamente, muçulmanos (em oposição ao cristianismo ortodoxo russo), fortaleceu o sentimento nacionalista dos tchetchenos, que se mobilizaram sob a bandeira do anticomunismo (não tanto contra os valores comunistas, como propriedade coletiva e estruturas sociais e econômicas igualitárias, mas sim em oposição à hipercentralização e à ineficiência do

sistema econômico e político dirigido de Moscou, e à hipocrisia e à falta de transparência da vida política).

Na época da desintegração da URSS, em 1991, a taxa de desemprego na Tchetchênia chegava a 40%; o petróleo (principal fonte de riqueza) sofreu queda de produção, passando de 21 milhões de toneladas em 1971 para 4 milhões de toneladas em 1991, e com previsão de declínio a 1,5 ou 2 milhões de toneladas para 2001;  $\frac{3}{4}$  dos bens produzidos na Tchetchênia dependiam de insumos da Rússia ou de outros Estados da ex-URSS. Além (ou apesar) dos fatores econômicos, Dzhokhar Dudaev, então presidente tchetcheno, preocupado com os desafios de uma eventual soberania da república, decidiu armar a Tchetchênia. Contudo, como ela formalmente não possuía forças armadas, boa parte das armas se dispersou pela população, e muitas delas foram parar em mãos de gangues rivais, que as utilizavam mais para o crime do que especificamente para a defesa da

## Tchetchênia.

As atividades criminosas se estenderam para outras partes da Rússia, levando o governo russo a querer destruir o regime político de Dudaev. O diretor do Programa de Estudos sobre a Paz da Universidade de Cornell, Matthew Evangelista, aponta para o fato de que a os grupos criminosos tchetchenos eram, em grande parte, ramificações de redes baseadas em Moscou. Mas, de qualquer forma, serviu de pretexto para a intervenção russa. Ademais, a separação entre as repúblicas da Tchetchênia e da Inguchétia teria exacerbado o conflito entre esta e a Ossétia do Norte sobre o distrito de Prigorodnyi. Para evitar a intervenção tchetchena, o Exército russo se deslocou para a fronteira entre Tchetchênia e Inguchétia, até então sem demarcação, o que foi entendido pelos tchetchenos como uma desculpa para invadir seu território. Isso levou à mobilização de suas forças e de mais de 500 mil voluntários de outras regiões do Cáucaso, e ao conseqüente recuo de Moscou.

A partir de então, houve negociações entre o governo federal e a república separatista, mas não se chegou a nenhuma solução. Os presidentes Dudaev e Ieltsin nunca chegaram a conversar, e as mensagens enviadas, por meio de discursos e ações, levaram sempre à escalada do conflito. A situação ainda se agravava por causa de seqüestros e outras atividades do gênero nas regiões fronteiriças com a Tchetchênia – o que pode ser considerado catalisador do processo, na medida em que Dudaev negou à Federação permissão para investigar atividades criminosas e terroristas em território tchetcheno, temendo, com alguma razão, que a Rússia usasse isso como pretexto para ocupar, pelo menos em parte, a Tchetchênia.

Em julho de 1994, Ieltsin rejeitava a possibilidade de intervenção armada na república, mas sugeriu que a oposição

interna a Dudaev estava crescendo, o que refletia a influência de Moscou, e decidiu intervir ativamente no lado dos oponentes do presidente tchetcheno. Em novembro, duas forças de oposição tomaram controle de Grosny, capital da Tchetchênia, mas logo foram combatidas pelas forças leais a Dudaev. Este ainda ameaçou executar alguns prisioneiros, se Moscou não admitisse sua participação no lado da oposição. Ieltsin respondeu com um ultimato às forças tchetchenas para cessar fogo, desarmar-se, dismantelar suas unidades e liberar os prisioneiros. Ainda houve algumas tentativas de negociação entre ministros russos e Dudaev, todas frustradas, antes que Moscou lançasse sua invasão em 11 de dezembro de 1994, sob a justificativa de que a independência da Tchetchênia poderia alimentar outros movimentos separatistas, levando ao colapso a Federação Russa, nos moldes da União Soviética.

Esta primeira guerra foi extremamente impopular entre os cidadãos e os próprios militares russos, de forma que, em 1996, Ieltsin se viu pressionado a assinar o Acordo de Khasaviurt, que estabelecia os princípios para a determinação das bases da relação entre a Federação Russa e a Tchetchênia, além de reconhecer tacitamente sua independência. Caso contrário, corria um sério risco de não ser reeleito nas eleições que ocorreram neste mesmo ano.

Os termos do acordo de paz, no entanto, não se cumpriram, particularmente no que dizia respeito à provisão de ajuda econômica e reconstrução – e mesmo o dinheiro que chegou à Tchetchênia sumiu devido à corrupção. Isso contribuiu para fazer da Tchetchênia independente uma proposta inviável, juntamente com a instabilidade na república, a rivalidade entre facções políticas com visões concorrentes sobre o futuro da Tchetchênia e a ganância por petróleo e dinheiro. Ao mesmo tempo, crescia a

influência de movimentos islâmicos radicais, como o *wahhabismo*<sup>2</sup>.

A invasão da república do Daguestão pelos tchetchenos, em 1999, sob a bandeira do islã *wahhabista* e visando à criação de um Estado islâmico Tchetchênia-Daguestão, sem que houvesse nenhum movimento de reprovação ou desaprovação por parte do governo central em Grosny, foi o fato catalisador do processo que levou à segunda guerra entre tchetchenos e russos na década de 1990. À resistência dos daguestanis e à rejeição aos fundamentalistas *wahhabistas* somam-se os bombardeios aéreos lançados e a invasão do território tchetcheno com força total pelos russos, que decidiram escalar o conflito. Ao contrário da primeira guerra russo-tchetchena, houve considerável apoio da população nesta segunda incursão, devido a: 1) origem defensiva; 2) derrota dos invasores tchetchenos coincidiu com uma série de ataques terroristas em território russo, cuja culpa recaiu, naturalmente, sobre os tchetchenos.

Neste meio tempo, e aproveitando a aprovação da população com relação ao tratamento da questão tchetchena pela Federação, o Presidente russo Boris Ieltsin renunciou ao cargo, de forma a antecipar as eleições presidenciais. Assim, esperava-se que o então primeiro-ministro, Vladimir Putin, que fora encarregado pelo presidente para cuidar da guerra da Tchetchênia, ganhasse as eleições – como de fato ocorreu. Putin, então, tomou posse no ano 2000, com a missão histórica de resolver a situação no norte do Cáucaso, o que, depois de 5 anos, ainda não se concretizou.

A princípio, a estratégia adotada por Putin de impor controle sobre a Tchetchênia com poderio aéreo, ao mesmo tempo em que limitava baixas militares, parecia promissora e conseguiu apoio popular. Contudo, Putin não estabeleceu nenhuma outra estratégia paralela que acompanhasse a militar, se recusando a negociar com Aslan Mashkadov, líder tchetcheno eleito. Ao contrário, buscaram impor, no governo da república, políticos fantoches, que gozavam de pouca legitimidade. À medida que a guerra continuava, os combatentes tchetchenos passaram a recorrer cada vez mais às ações terroristas, frustrando os soldados russos e corrompendo oficiais ligados a inúmeras atrocidades contra a população civil.

Muitos analistas, entre eles Matthew Evangelista, afirmam que em diversas oportunidades poderiam ter sido escolhidos outros cursos de ação que não levassem às guerras entre a Federação e a república separatista. Comumente, atribui-se a primeira guerra a um legado das instituições políticas definidas etnicamente; a ressentimentos históricos da Tchetchênia, amplificados por políticos sedentos por poder; à localização estratégica da república, atravessada pelas maiores rotas de transporte e petróleo; à preocupação com a alimentação de movimentos separatistas de outras áreas e a conseqüente fragmentação da federação russa, caso a Tchetchênia tivesse sucesso em sua busca por independência. Contudo, a causa mais evidente, segundo Evangelista, foi o tratamento dado pelos presidentes russo e tchetcheno, Boris Ieltsin e Dzhokhar Dudaev, respectivamente, que muitas vezes se negaram a negociar, especialmente o primeiro. Outros casos, como o de Tartastão e de Bashkortostão, regiões também localizadas no Cáucaso Norte e mais importantes estrategicamente, tiveram um desfecho totalmente diferente, com a solução das disputas por meio da negociação.

<sup>2</sup> Um dos ramos do islã sunita, o *wahhabismo* é uma corrente fundamentalista islâmica fundada por Muhammad ibn Abd al Wahhab (1703 - 1792), majoritária na Arábia Saudita. A seita é professada pela família real saudita e pelo grupo terrorista Al Qaeda (disponível no site Wikipedia - <http://en.wikipedia.org>)

Putin tampouco imprimiu um tom conciliatório no tratamento do problema, empregando métodos de combate ao movimento separatista, no mínimo, questionáveis. De certa forma, depois dos atentados de 11 de setembro, houve uma mudança na percepção de outros Estados acerca da guerra russo-tchetchena, que passou a ser considerada como uma guerra contra o terrorismo internacional. Assim, as críticas diminuíram e as ações russas foram, de certa forma, legitimadas. De qualquer maneira, adotou-se uma orientação linha-dura na condução do conflito e Moscou se recusa a negociar com os tchetchenos, a quem considera terroristas. Esta orientação ficou clara quando da tomada de um teatro por terroristas, em outubro de 2002, e à invasão de uma escola em Beslan, Ossétia do Norte, em setembro de 2004.<sup>3</sup>

Alguns analistas acreditam que, finalmente, a capacidade de atuar dos militantes tchetchenos e estrangeiros que atuam na república separatista esteja diminuindo, como ficou demonstrado nas eleições de novembro de 2005: não houve nenhum ataque significativo durante o período eleitoral. Isso pode indicar tanto um fortalecimento da posição da Rússia na Tchetchênia como também o declínio do apoio da população local. No mesmo sentido, a vitória de um partido pró-Rússia na Tchetchênia pode ser interpretada como uma escolha da população de continuar fazendo parte da Federação Russa – o que esvaziaria de sentido a guerra que se instaurou na república separatista.

Muitas análises estão sendo feitas nesta direção. Mark Galeolotti, da Universidade de Keele, vê nas eleições parlamentares ocorridas em novembro de 2005 uma possibilidade de se estabelecer a paz. Segundo este analista, o resultado das eleições reflete bem o espírito da população: “a maioria dos tchetchenos,

afinal de contas, está cansada de guerra e desiludida – há combatentes rebeldes nas montanhas e becos, mas não há uma oposição de massa ativa como existia na Geórgia e na Ucrânia antes de suas revoluções”. Assim, as eleições representariam uma grande oportunidade de paz, na medida em que se tenderia a uma aproximação com a Rússia, retirando do poder aqueles mais radicais e defensores da independência tchetchena. Ao mesmo tempo, por refletir a vontade da população em geral, esta aproximação seria legítima e democrática.

Existem algumas denúncias de falhas no processo eleitoral. Como o próprio Presidente tchetcheno Alu Alkhanov admitiu, faltou o padrão ideal democrático nessas eleições: candidatos foram retirados das listas eleitorais; a mídia, administrada e dominada pelo Estado, claramente favoreceu o partido do Kremlin, Rússia Unida; o comparecimento às urnas foi, na verdade, bem menor do que o anunciado. De qualquer forma, a vitória dos partidos pró-Rússia representa um inquestionável fortalecimento da posição russa no Cáucaso, ainda que o controle seja exercido por meio de uma elite local alinhada com o Kremlin: Moscou deve usar os resultados das eleições para consolidar o status da Tchetchênia como parte da Rússia – e sua subordinação ao sistema constitucional russo – aos olhos dos russos, tchetchenos, outras unidades da ex-URSS e do mundo ocidental, bem como para qualificar a luta contra militantes islâmicos na Tchetchênia como parte de um combate internacional aos terroristas. Os russos devem tentar, ainda, ganhar os moderados dentro da insurgência tchetchena e separá-los dos linha-dura, com a condição de que eles aceitem que a república faz parte da federação russa – alguns, inclusive, já pedem por mais autonomia, e não independência.

Acredita-se que esta eleição seja um passo em direção à indicação de Ramzam

<sup>3</sup> A este respeito, ver [Tensão no Cáucaso](#).

Kadyrov à presidência, especialmente agora, que a nova legislação russa estabelece que os presidentes das repúblicas sejam nomeados pelo Kremlin, e sujeitos à aprovação do parlamento local. São mínimas as chances de que, se de fato for indicado por Putin, Kadyrov seja rejeitado pelo parlamento tchetcheno. Primeiro, porque, sendo o parlamento majoritariamente pró-Rússia, a tendência é que sigam as indicações do governo russo. Segundo, porque Kadyrov lidera forças privadas de 5 mil pessoas, denominadas Kadyrovsty, conhecidas pelo tratamento brutal e arbitrário dado aos suspeitos de rebeldia e aos inimigos de Kadyrov. Contudo, a lei russa exige que o presidente tenha, no mínimo, 30 anos – que só serão completos em outubro de 2006 por Kadyrov. Assim, haverá um interregno até que ele possa assumir o cargo, período que deve ser aproveitado para consolidar sua posição e iniciar um processo de paz, ainda que em seus próprios termos.

Alguns requisitos, no entanto, devem ser cumpridos para que um período de paz duradouro seja instaurado. A economia e infraestrutura devem ser restauradas. Grosny está praticamente em ruínas, o desemprego chega a 80% em algumas áreas da república e mais de um terço das famílias estão vivendo abaixo da linha de pobreza. Além disso, de acordo com Galeotti, deve-se cessar as hostilidades e adotar ações para criar um clima de negociações, como, por exemplo: permitir que rebeldes se rendam sem ter que encarar tortura ou prisão; conter os próprios soldados russos e paramilitares tchetchenos, acusados de vários abusos; reduzir as contradições, como não conceder independência, mas, ao mesmo tempo, tratar os tchetchenos como estrangeiros.

Em princípio, a mudança de interlocutores pode ser uma boa oportunidade para desescalar um conflito, uma vez que as novas relações que se estabelecem podem alterar a lógica do conflito, instituindo

novos padrões de comunicação e interação. Neste sentido, as partes podem apresentar mais disposição e confiança para cooperar. No caso da guerra russo-tchetchena, até agora nenhuma das partes demonstrou muita disposição e/ou flexibilidade para negociar – situação que pode mudar com as eleições de novembro, se eles conseguirem compensar o fato de que apenas candidatos independentes e representantes de partidos que aceitassem que a república da Tchetchênia faz parte da Federação Russa puderam concorrer. Isto é, não houve nenhum candidato genuinamente a favor da independência, além das outras falhas no processo eleitoral, de forma que as opções de voto foram restritas. Conseqüentemente, o resultado das eleições não pode ser considerado totalmente fiel às aspirações dos cidadãos tchetchenos.

De qualquer forma, se as condições mencionadas se realizarem, esta parece ser mais uma oportunidade de se instaurar paz e estabilidade na região do Cáucaso. Caso contrário, pode ser só mais uma trégua, período para recobrar o fôlego, para a retomada de um conflito ainda mais duro no futuro.

## Referência

CADERNOS Adenauer 5: **A Rússia no início da era Putin**. São Paulo: Fundação Konrad Adenauer, julho 2000.

EVANGELISTA, Matthew. **The Chechen Wars: will Russia go the way of the Soviet Union?** Washington: The Brookings Institution, 2002.

GALEOTTI, Mark. **Chechen elections offer prospect for peace**. 06 de dezembro de 2005. Disponível em *Jane's Intelligence Review* - <http://jir.janes.com/public/jir/index.shtml>

OLIC, Nelson Bacic. Ossétia do Norte, Chechênia e os conflitos no Cáucaso. **Revista Pangea**, 08/09/2004. Disponível em [http://www.clubemundo.com.br/revistapangea/show\\_news.asp?n=236&ed=4](http://www.clubemundo.com.br/revistapangea/show_news.asp?n=236&ed=4)

### Sites:

BBC News  
<http://www.news.bbc.co.uk>

Pravda  
<http://port.pravda.ru/>

Stratfor  
<http://www.stratfor.com>

Institute for War and Peace Reporting  
<http://www.iwpr.net/>

### Ver também:

28/10/2005 - [Região do Cáucaso sofre novos ataques](#)

18/02/2005 - [Rússia e a redefinição do Leste europeu](#)

09/09/2004 - [Tensão no Cáucaso](#)

23/09/2004 - [Redefinição de esferas de influência no Cáucaso: as questões tchetchena e georgiana](#)

---

# Eleições no Chile

---

Resenha  
Integração Regional

*Tiago Cerqueira Lazier*  
15 de dezembro de 2005

---

**Eleições presidenciais no Chile vão para o segundo o turno, marcado para ocorrer em janeiro. A candidata da situação, apesar de obter mais de 20% de votos a mais que o segundo colocado, deverá enfrentar uma forte oposição da direita chilena.**

---

O Chile é uma república, na qual o presidente é chefe de estado e de governo, e, cujo mandato tem duração de seis anos. No dia 11 de dezembro ocorreram as eleições presidenciais de primeiro turno, com a vitória parcial da candidata socialista Michelle Bachelet com 45,95% dos votos. No entanto, como a candidata não obteve a maioria absoluta dos votos válidos, será necessário o segundo turno, que ocorrerá no dia 15 de janeiro de 2006, contra Sebastián Piñera, que obteve no primeiro turno 25,41% dos votos. Joaquín Lavín e Tomás Hirsch obtiveram 23,22% e 5,4% dos votos, respectivamente. De acordo com o comunicado do Ministério do Interior chileno, foram considerados 6.893.583 votos válidos em todo o país. O número de votos nulos foi de 179.112 (2,5%) e de brancos, 83.859 (1,17%).

O resultado da eleição no primeiro turno confirmou a vantagem que Bachelet vinha apresentando nas pesquisas eleitorais, sobre os três demais candidatos. A diferença de mais de 20 pontos percentuais entre ela e o segundo candidato, apesar de ter criado grandes expectativas de vitória no segundo turno, precisam ser tomadas com cautela, já que Lavín anunciou formalmente seu apoio a Piñera. Os dois últimos, somando-se as respectivas votações, obtiveram 48,63% superando a votação de Bachelet. Por sua

vez Hirsch, pediu aos seus eleitores que anulem seus votos no segundo turno.

Lavín, que apoiou o governo do ditador Augusto Pinochet, perdeu votos com a entrada de Piñera na competição eleitoral, também representante da direita, no entanto com uma posição não tão conservadora como a de Lavín.

Hirsch foi o primeiro candidato judeu à presidência na história do Chile, lidera uma coalizão entre o partido humanista e o partido comunista que critica não apenas os partidos de direita que deram sustentação a Pinochet, mas também a coalizão de centro-esquerda acusada de ceder a práticas neoliberais.

Bachelet, que foi presa e torturada durante a ditadura de Pinochet, lidera uma coalizão de partidos de centro-esquerda, foi Ministra da saúde e da defesa durante o atual governo de Roberto Lagos e apesar de sua votação expressiva, seu resultado foi aquém do esperado: sua votação foi inferior ao resultado obtido pela coalizão nas eleições parlamentares, foi também o mais baixo nos últimos 16 anos de história da coalizão, em um momento no qual o Chile apresenta bons resultados econômicos. Este país apresentou no ano de 2005 um crescimento de 9,5% do PIB, mantendo a inflação abaixo dos 5% e o desemprego não atingindo 8%, segundo dados da CIA.



Piñera, um milionário empresário que votou contra Pinochet no referendo de 1988, lidera uma coalizão de direita. Lançou sua candidatura de forma inesperada, realizou apenas sete meses de campanha, e, com um discurso de denúncia à desigualdade e a de promoção de geração de empregos, atraiu muitos votos de Lavin, também representante da direita chilena.

Bachelet e Piñera irão disputar os votos do centro, que influenciarão de forma marcante os resultados das eleições presidenciais no Chile. Bachelet buscará consolidar a votação expressiva que obteve no centro, enquanto buscará obter os votos de Hirsch. Piñera por sua vez deverá atrair os eleitores de Lavin e buscará aumentar sua expressividade no centro.

## Referência

### Sites:

CIA -

<http://www.cia.gov>

Clarín -

<http://www.clarin.com/>

El Mercurio -

<http://www.elmercurio.com>

Flacso -

<http://www.flacso.cl>

Folha Online -

<http://www.folhaonline.com.br>

## Conjuntura Internacional

### Pontifícia Universidade Católica - MG

Presidente da Sociedade Mineira de Cultura: Dom Walmor Oliveira de Azevedo

Grão-Chanceler: Dom Walmor Oliveira de Azevedo

Reitor: Prof. Eustáquio Afonso Araújo

Vice-reitor: Pe. Joaquim Giovani Mol Guimarães

Assessor especial da reitoria: Prof. José Tarcísio Amorim

Chefe de Gabinete do Reitor: Prof. Osvaldo Rocha Tôrres

### Conjuntura Internacional

Chefia do Depto. de Relações Internacionais: Prof. Paulo Esteves

Coordenação do Curso de Relações Internacionais: Prof. Paulo Esteves

Coordenação-Geral: Prof. Javier Vadell

Conselho acadêmico: Prof. Danny Zahreddine; Prof. Eugenio Diniz; Profa. Taiane Las Casas; Prof. Marco Paulo Gomes

Membros: Ana Flávia Lima Teles; Bárbara Gomes Lamas; Carolina Andressa Lima; Carolina Dantas Nogueira; Fernanda Assunção Soares; Jéssica Naime; Rafaella Arruda Melo Pereira; Sílvia H.G. Canêdo; Tiago Cerqueira Lazier; Wesley Robert Pereira.

Os textos aqui divulgados são de inteira responsabilidade de seus autores e não representam a opinião oficial do grupo.

Av: Dom José Gaspar, 500 Prédio 04 - Coração Eucarístico - Belo Horizonte - MG - CEP 30535-901 Tel: (31)3319-4257 email: [ci@pucminas.br](mailto:ci@pucminas.br) website: <http://www.pucminas.br/conjuntura>